

## TRABALHANDO A LEITURA E A ESCRITA EM COMUNIDADES POPULARES

Waleska Oliveira Moura<sup>1</sup>

**RESUMO:** *A leitura e a escrita são atividades sociais que têm sido bastante evidenciadas contemporaneamente quando tratamos da educação e do ensino/aprendizagem de língua. Tal fato mostra a importância de tais práticas para a sociedade e a emergência de rever como elas estão sendo tratadas em termos de ensino, de modo a se obter um sujeito leitor/ produtor de textos autônomo e crítico. O trabalho, aqui, apresentado objetiva discutir a importância da leitura e da escrita na educação, enfocando a utilização de tais práticas em contextos socioeconomicamente desfavorecidos, a partir de uma experiência pessoal com uma Oficina de Leitura e Produção de Textos realizada junto a uma comunidade popular de Salvador. A partir da realização da oficina, pôde ser evidenciada a relevância de atividades de extensão, pois elas são traduzidas como uma ponte entre a sociedade e a universidade, ocasionando ganhos a todos os envolvidos no processo. O trabalho específico com a leitura e a escrita nesse contexto relevou-se extremamente importante para contribuir com a formação de sujeitos cada vez mais conscientes de seus papéis sociais frente a uma sociedade, ainda, preconceituosa e dividida em classes.*

**Palavras-Chave:** Leitura; Escrita; Atividades de Extensão.

### INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita têm sido, atualmente, foco de inúmeras pesquisas e reflexões. Tais pesquisas abordam a preparação docente para lidar com tais práticas, o deslocamento de tais práticas de simples atividades de ensino a práticas sociais amplas, a formação do sujeito leitor crítico e autônomo etc. Independentemente das abordagens conferidas à leitura e à escrita, um ponto comum pode ser encontrado entre elas: a necessidade de estudo do tema aponta para a grande importância da leitura e da escrita na sociedade. Ou seja, se os estudiosos tratam da preparação do professor para o trabalho com a leitura e a escrita em sala de aula, se deslocam a leitura e a escrita de meras atividades de linguagem a uma prática social de linguagem, se estão preocupados com a formação de sujeitos críticos e autônomos a partir das atividades de leitura e escrita, estão atribuindo relevância a essas práticas, que estão cada vez mais em evidência.

O grande número de trabalhos acerca da leitura e da escrita não pode ser considerado como algo negativo, pois cada trabalho abarca um aspecto diferente e revela também uma posição diferente frente às práticas de leitura e escrita.

Nesse trabalho, serão expostos alguns temas importantes acerca do ensino da leitura e da escrita, a partir de uma *Oficina de Leitura e Produção de Textos* realizada em uma comunidade

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Vernáculas (Licenciatura e Bacharelado, 2005-2009) pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente é aluna regular do *Mestrado em Letras* da Universidade Federal da Bahia e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. E-mail: waleska\_let@yahoo.com.br – Autora.

situada em um bairro periférico de Salvador, a partir da participação em um Projeto de Pesquisa, no ano de 2008.

Os temas aqui abordados serão: abordagens de ensino da leitura e escrita, utilização de gêneros textuais, conceito de texto, múltiplos letramentos etc.

Tal trabalho reflete também acerca da importância das atividades de extensão, expõe os desafios encontrados ao “sair” da universidade e ressalta o quão é prazeroso e significativo estabelecer a ponte universidade-comunidade.

## CONTEXTUALIZANDO

A *Oficina de Leitura e Produção de Textos* que serve de base para os relatos e as reflexões deste trabalho foi realizada com um grupo de jovens, em junho de 2008, a partir de um Projeto de Pesquisa que visava desenvolver ações socioeducativas na região do entorno do Parque São Bartolomeu, situado no subúrbio de Salvador.

Esse projeto possuía uma parceria com uma Instituição local que cedia o espaço e inscrevia as pessoas interessadas em participar das atividades propostas.

Além dessa atividade, inúmeras outras foram realizadas, como oficinas teatrais, aulas de produção de texto, literatura e espanhol, a partir de habilidades de graduandos que atuavam no projeto.

Aqui, pretende-se relatar e refletir acerca da *Oficina de Leitura e Produção de Textos* por essa atividade ter desenvolvido práticas sociais de grande relevância: a leitura e a produção de textos/escrita, e também por se ter trabalhado um tema de interesse geral: *a juventude brasileira*.

## REFLETINDO SOBRE O TRABALHO COM A LEITURA E A ESCRITA EM COMUNIDADES POPULARES

Conforme exposto na contextualização deste artigo, a *Oficina de Leitura e Produção de Textos* teve como eixo temático central *A juventude brasileira*. A atividade foi constituída de cinco momentos, a saber: 1. Sensibilização do grupo de jovens, 2. Debate sobre o tema central (a partir de questões como cidadania, moradia, educação, uso de drogas e violência etc.), tendo como base a leitura de determinados gêneros textuais (poema, reportagem e breve artigo de opinião), 3. Incentivo à produção textual, 4. Apresentação das produções textuais e 5. Diálogo sobre as produções.

Para realizar a oficina, foram selecionadas imagens relacionadas aos problemas vivenciados pela juventude brasileira, pois o momento de sensibilização, primeiro momento da oficina, consistiria na apresentação das imagens, que expunham: jovens consumindo drogas, diferença de classes – jovens ricos e pobres em situações extremamente distantes, jovens praticando esportes, outros em lixões. A sensibilização do grupo perante o tema, objetivou maior aproximação entre os participantes, abrindo espaço para as discussões que estavam por vir.

Essa abordagem de atuação (a sensibilização por meio das imagens) baseia-se em Comênio, um pastor protestante responsável pela *Didática Magna* – uma obra clássica –, e consiste na observação direta das coisas, através dos órgãos dos sentidos, para que se dê o registro das impressões na mente do aluno. A importância dessa prática é também discutida por muitos outros teóricos, como Libâneo, que sugere, “primeiramente as coisas, depois as palavras” (LIBÂNEO, 1994, p. 59), pois “[...] deve-se partir do conhecido para o desconhecido” (Ibid.).

A importância dessa prática mostrou-se muito significativa, principalmente, porque as imagens apresentadas eram familiares aos jovens participantes, muitos deles tendo conhecido de perto as situações nelas apontadas.

Após as discussões referentes à apresentação das imagens, foi iniciada uma discussão sobre outros textos. Os textos foram: o poema *O bicho* de Manuel Bandeira, uma reportagem e um artigo de opinião. A opção por diferentes gêneros textuais deu-se com o intuito de apresentar e trabalhar com os jovens diversos textos, a partir do pressuposto de que “[...] o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia-a-dia” (MARCUSCHI, 2005, p. 35).

Permitindo aos jovens o contato com diversos gêneros textuais, buscou-se amenizar a forma pela qual a educação vem sendo realizada no decorrer da história: a educação que a classe popular tem recebido ao longo da história, visa principalmente prepará-la para o trabalho físico, contentando-se com atitudes conformistas, o que redundava numa escolarização deficiente.

Ainda hoje, a sociedade brasileira apresenta-se dividida em classes e grupos sociais com interesses distintos. Sendo assim, levar diversos textos (poema, reportagem, artigo etc.) para a sala de aula rompe, de certo modo, com essa situação vergonhosa, a situação, já apontada por diversos estudiosos, de que os gêneros textuais rotinizados por grupos sociais influentes não chegam à população em geral, em função dos mecanismos sociopolíticos e ideológicos de controle dos recursos materiais e simbólicos (cf. Signorini, 2001, p. 10 apud Bezerra, 2005, p. 40).

Tomar conhecimento dos diversos gêneros textuais é uma maneira de exercer o papel de cidadão, como participante da realidade, pois, de acordo com Marcondes et alii, “ler o que circula socialmente é também agir socialmente” (2000, p. 13 apud Pereira; Pinilla et alii, 2006, p. 29).

Tendo em vista os pressupostos contemporâneos, de que a leitura é efetivada na interação entre o texto e o leitor, que busca e constrói o sentido do texto, mais do que participante da prática social da leitura, os jovens se fazem agentes dessa leitura.

As demandas socioeducacionais contemporâneas apontam para o desenvolvimento pautado no contato e na interação, passando a ser o processo de ensino uma atividade conjunta entre professor e alunos, entre texto e leitor, que faz inferências, constrói e até mesmo reconstrói os sentidos do texto.

Na oficina aqui exposta, a interação entre os jovens revelou-se fundamental, fortalecendo ainda mais o vínculo afetivo do grupo, algo que é imprescindível que o professor estabeleça com os alunos desde o primeiro contato, dando-lhes confiança para participar da aula, permitindo que

eles percebam que a voz do aluno é muito importante em todo o processo, seja para reafirmar ou contestar o que o professor tem a dizer. Um dos pontos positivos nessa interação foi o tema central da oficina (*A juventude brasileira*), um tema que trata diretamente deles mesmos, crianças e adolescentes participantes da atividade.

Durante o trabalho de leitura com os textos, estabeleceram-se, sempre, relações entre esses e a vida dos jovens, tomando por base a obra *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*, na qual a autora aponta que, “Ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum” (LAJOLO, 1993, p. 15).

O momento de incentivo à produção textual buscou levantar a auto-estima e dar subsídios teórico-práticos para a escrita dos textos, observando-se as especificidades de cada aluno, dificuldades e facilidades na consecução da atividade proposta.

Desse modo, foi necessário discutir com o grupo o conceito de texto: “O que é um texto?”. Surgiram definições diversas, como “É uma coisa que está lá e a gente lê”. Outros questionamentos são apontados: “A gente só lê? A gente vê, interpreta, ‘desvenda os sentidos’? Ou a gente só lê?”. “Não, a gente entende quando vê”. “Isso é um texto?” – pergunta-se, mostrando uma imagem. “Não é um desenho”. “Uma figura”. “Uma imagem”. “E a gente não interpreta? ‘Desvenda os sentidos’ dessa imagem”? – problematizo. “O que essa imagem tem a nos dizer?”. Os participantes da oficina apontaram diversas interpretações para a imagem. “E então? Vocês não acabaram de realizar a leitura, a interpretação dessa imagem? Então, ela não é um texto? Um texto imagético, não-verbal, sem uso de palavras e de escrita”. E surgiram inúmeros: “Ah, é mesmo...”.

Desse modo, inúmeros textos vão sendo tecidos para, depois, irmos ‘desvendando os seus segredos’. A elaboração dos textos é também orientada para que eles sejam produzidos nos mais diversos gêneros, pois é de extrema importância que o trabalho com textos em sala de aula seja dado a partir da prática de leitura e escrita de textos de diferentes gêneros que os alunos precisam conhecer para uma efetiva participação social, sejam eles literários, didáticos etc.

O resultado é o melhor possível: são produzidos textos diversos, que vão sendo apresentados por quem os criou e o grupo vai discutindo frase por frase, parte por parte, imagem por imagem. Os textos apresentam sugestões para os jovens saírem do mundo das drogas, da violência e as sugestões perpassam pela prática de esportes, pela educação, pela produção *rap*, pela dança etc.

Fotos da *Oficina de Leitura e Produção de Textos*:



O trabalho de leitura e escrita mostrou-se muito proveitoso. No início, foi pensado que haveria desinteresse por parte dos jovens, na atividade proposta, pois, atualmente, eles estão diante de um mundo cada vez mais digital, o mundo dos múltiplos letramentos. Conforme Marques,

Amanhã não escreveremos mais com essa mão que segura o lápis ou a caneta sobre uma página, orientados ou desorientados, mas com duas mãos complementares sobre teclados ou outros consoles. [...] Estamos saindo da

civilização reta do estilo para entrar na dos teclados. [...] Isso nos mudará, corpos e alma, e isso transformará o tempo (MARQUES, 2001, p. 31).

Em relação à dificuldade que muitos alunos têm em escrever/começar um texto, ressalta-se aqui a importância da construção da relação de confiança e afeto com os jovens/alunos. Na oficina, não haverá punição, nem erros, pois o texto irá de uma imagem a um poema, a uma música e a tantos outros, e qualquer opinião a respeito do tema será válida, porque a autoria é deles e não aquilo que a escola quer ouvir, nem o gênero textual que a escola quer utilizar.

Destaca-se em relação a isso que os jovens/alunos produzem textos durante toda a vida, mas ainda assim se auto-estigmatizam, pois até mesmo muitos professores, de Português a outras disciplinas, tratam os alunos como “incompetentes” linguisticamente. Assim, eles só têm a dizer, “odeio escrever” ou “não sei português” etc.

Esses jovens/alunos têm de ser levados a produzir textos que apresentem modelos didáticos relativamente abertos, têm de ser habilitados a produzir na escola textos que encontrem e produzam também fora dela, pois as práticas de produção de textos e de leitura fazem parte do cotidiano dos alunos em diversos ambientes sociais, que não somente a escola.

Enxergar as práticas de produção de textos e de leitura apenas como práticas escolares é uma visão reducionista e equivocada na formação dos alunos, podendo, assim, a sua autonomia.

Vale destacar que não se trata apenas de simplesmente produzir diversos gêneros textuais, não basta conceber a produção de textos como uma simples atividade de linguagem, é importante tomá-la como uma prática social de linguagem por meio da qual o texto é produzido em consonância com práticas reais de uso da língua e também a partir de uma reflexão sobre este uso.

De acordo com Mendes, “É preciso pensar a linguagem em uso como instância fundamental da vida [...]. A partir daí, ler e escrever passam a ser ações que dialogam com nossa vivência diária e com o que pensamos do mundo” (MENDES, no prelo).

Outro ponto importante a ser mencionado, aqui, é que é importante que o professor tenha, em mente, clara compreensão sobre o significado social e político de seu trabalho com a leitura e a escrita, do papel da escolarização no processo de democratização da sociedade, do caráter político-ideológico da educação, não deixando nunca de assumir uma postura reflexiva em relação à sua prática pedagógica, contribuindo, dessa forma, para a formação de cidadãos também reflexivos e críticos.

## **CONCLUSÃO**

A realização da oficina foi de extrema importância para que muitos aspectos teóricos em relação às atividades de leitura e escrita pudessem ganhar uma dimensão prática, contribuindo com algum contexto real de aprendizagem. Dela, inúmeros pontos positivos podem ser apontados, como: maior envolvimento pessoal e afetivo com a comunidade local, os jovens participantes, normalmente marginalizados pela sociedade, por serem moradores de uma região periférica da cidade, apresentaram um bom nível de informação e clareza na argumentação de

aspectos relacionados ao tema trabalhado, bem como interesse pela leitura. Foi revelada, ainda, a criatividade desses jovens, observada nas mais diversas produções textuais.

A oficina fez, também, perceber a importância das atividades de extensão, pois há uma troca de experiências e de motivações muito grande para todos os envolvidos. No que concerne ao processo de leitura e escrita, ressalta-se que o trabalho com os textos que serviram de base para a atividade e os textos que foram produzidos foi muito positivo, pois muitas barreiras diante do texto foram ultrapassadas, evidenciando que muito pode ser feito ao se trabalhar com membros de comunidades populares, que têm anseios, que “sabem dizer” e “dizem”, sem necessitar de intermediários, mas que precisam de oportunidades maiores - que são direito deles, de mais acesso ao conhecimento, a textos, a bens culturais, enfim à cidadania.

## REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In: PAIVA, Ângela Dionísio et alii (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 37-46.
- LAJOLO, Marisa. A leitura literária na escola. In: \_\_\_\_\_. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993, p. 11-16.
- LIBÂNEO, José Carlos. Prática educativa, pedagogia e didática. In: \_\_\_\_\_. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994, p. 15-31.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: PAIVA, Ângela Dionísio et alii (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 19-36.
- MARQUES, Mário. A aventura do escrever. In: \_\_\_\_\_. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. Ijuí: Unijuí, 2001, p. 28-31.
- MENDES, Edleise. *Tipos e gêneros textuais: modos de leitura e de escrita*. (No prelo).
- PEREIRA, Cilene; PINILLA, Maria Aparecida et alii. Gêneros textuais e modos de organização do discurso: uma proposta para a sala de aula. In: LINO PAULIUKONIS, Maria Aparecida; WERNECK DOS SANTOS, Leonor (Orgs.). *Estratégias de leitura – texto e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, p. 27-58.